

Conferência Internacional

MEMÓRIA, CULTURA E DEVIR

Estudos Aprofundados em Ciências Sociais



10 a 12 de MAIO | Lisboa, NOVA FCSH

CONFERENCISTAS:

PABLO POZZI

Universidad de Buenos Aires

FABIENNE WATEAU

CNRS - Université Paris Nanterre

MARIA DE FÁTIMA NUNES

IHC - Universidade de Évora

FERNANDO ROSAS

IHC - NOVA FCSH

ADELAIDE GONÇALVES

Universidade Federal do Ceará

FERNANDO O. BAPTISTA

Instituto Superior de Agronomia - ULisboa

Organização:

Paula Godinho (IHC - NOVA FCSH)

Dulce Simões (INET-md - NOVA FCSH)

Maria Alice Samara (IHC - NOVA FCSH)

Esta conferência pretende interrogar a hipertrofia dos estudos sobre a memória, que corresponde a um estado do saber e das sociedades, sobretudo desde os anos de 1980, quando o optimismo se diluiu e o futuro pareceu tornar-se passado. Essa viragem, coetânea de mudanças ao nível das sociedades, requer uma reflexão em torno dos *usos do passado*, como artefacto do presente (Lowenthal, 1985), sujeitos às relações de forças dentro das sociedades. A actual obsessão do passado é uma resposta substitutiva às urgências do presente ou, mesmo, uma recusa do futuro (Rousso, 1994: 280).

Pretende interrogar-se a relação com as *fontes que falam*, que questione a teoria e os métodos, entre a memória e a história oral, numa abordagem em que os saberes de fronteira de várias disciplinas têm de ser convocados. Terreno não pacificado, a memória continua a ser um interessante problema para as ciências sociais. Intensificou-se como objeto de estudo, materializado em formatos de património, no decurso dos anos 1980. Conquanto memórias traumáticas com as dos fascismos e do nazismo pudessem ter sido alvo de um trabalho anterior dos investigadores, e que a memória tenha hoje o estatuto de religião civil do mundo ocidental, o processo de passagem de *memória fraca a memória forte* não foi imediato (Traverso, 2005:54-59).

Quando a topolatria se tornou central, por que razões se ergueram *lugares de memória*, ao mesmo tempo que desapareciam os meios de memória? Que dificuldades surgem na criação de lugares de memória de situações conflituais? Como se recorda o trauma e o acontecimento? Quando adquiriu a memória tal centralidade nas Ciências Sociais? Estudamos cada vez mais a memória porque as sociedades se ressentem de uma ausência de esperança? Que relação estabelece o presentismo, como denegação do devir, com os usos da memória? Qual a conexão entre a experiência e a expectativa, e quanto (e qual...) passado se resgata para o futuro? Num tempo em que se tornou ecuménico o património, que relação estabelece a memória com ele, entre a *beleza do morto* e novos caminhos? Qual o papel da cultura na construção de uma *força material das ideias*? Em processos de exibição e musealização do passado, como lidamos com a memória das ditaduras e os processos de transição para as democracias? Que espaço se consagra ao devir na pesquisa em ciências sociais?

Esta conferência resulta do trabalho realizado no seminário com o mesmo nome, no âmbito do Instituto de História Contemporânea e do INET-md (ambos da NOVA FCSH), congregando investigadores juniores e seniores. Beneficia do aprofundamento dos saberes no âmbito de um conjunto de relações internacionais estabelecidas pelos investigadores. Assim, congrega colegas de vários centros europeus, da Universidade Federal do Ceará e da Red(e) Ibero-Americana Resistência e/y Memória, trazendo até Lisboa investigadores de várias proveniências disciplinares, no domínio das ciências sociais.

PROGRAMA

10 de Maio (Edifício ID, Sala Multiusos 3)

09.30 - Recepção aos participantes

Painel 1 - Fontes que falam: teoria e métodos, entre a memória e a história oral Moderação de Jorge Freitas Branco (CRIA e ISCTE-IUL)

10.00 - Luísa Tiago de Oliveira (CIES - IUL), "A esperança do futuro reside no passado?".

10.20 - Elsa Peralta (CEC - FLUL), "Ouvir vidas, fazer histórias: entre a intimidade do testemunho e a (auto)crítica memorial".

10.40 - Pablo Alonso (IPNA - CSIC), "*Cuando las piedras refutan las palabras: la máquina patrimonial entre Cuba y Maragatería*".

11.00 - Pausa / Café

11.20 - Joana Craveiro (IHC - NOVA FCSH / ESAD.CR / Teatro do Vestido), "Silêncios persistentes - fontes que não falam, fontes que falam mas não se ouve, fontes que contam outra história".

11.40 - Miguel Cardina (CES - Universidade de Coimbra), "Contra-memórias da Guerra Colonial".

12.00 - Debate

12.20 - Conferência de Pablo Pozzi (Universidad de Buenos Aires), "Memoria, cultura, y lucha social: los cánticos en las movilizaciones argentinas".

13.00 - Debate

13.20 - Almoço

Painel 2 - Entre a experiência e a expectativa: história oral e o passado do futuro Moderação de Jorge Crespo (NOVA FCSH)

14.30 - Mariana Rei (IHC - NOVA FCSH / CRH-EHESS), "(E)migrar para 'melhorar a vida' num contexto industrializado do Vale do Ave. Algumas pistas para reflexão".

14.50 - Adelina Domingues (CRIA - NOVA FCSH / Ecomuseu Municipal do Seixal), "Experiências, práticas e discursos num contexto de pesca".

15.10 - Eurípedes Funes (Universidade Federal do Ceará), "Mocambeiros do Trombetas: Direitos à Terra e Liberdade".

15.30 - Pausa / Café

15.50 - Ana Karine Martins Garcia (Universidade Federal do Ceará), "Memória, Saúde e Pobreza: Narrativas do sanitarista e farmacêutico Rodolfo Teófilo em fins do século XIX e começo do XX, no Ceará".

16.10 - María García (UNED - *Universidad Nacional de Educación a Distancia*), "*Santidades de izquierdas, santidades de derechas: la lucha por la beatificación de los mártires en la España del siglo XXI*".

16.30 - Berenice Abreu de Castro Neves (Universidade Estadual do Ceará), "Mestre Jerônimo e a luta dos jangadeiros do Ceará por direitos sociais".

16.50 - Debate

17.10 - Conferência de Fabienne Wateau (CNRS - Université Paris Nanterre), "O retorno dos Commons: recorrer ao passado para pensar o futuro?".

17.40 - Debate

18.00 - Encerramento

11 de Maio (Torre B, Auditório 1)

Painel 3 - Quando a memória vira património: entre a beleza do morto e os novos caminhos Moderação de Daniel Tércio (INET-md - FMH - ULisboa)

10.00 - Maria Alice Samara (IHC - NOVA FCSH), "A política na pedra".

10.20 - Maria Helena Marques (CRIA - IUL), "Quando o passado nos dá sementes para colher futuros".

10.40 - Dulce Simões (INET-md - NOVA FCSH), "O canto que virou património; da beleza do morto aos futuros possíveis".

11.00 - Pausa / Café

11.20 - João Azenha da Rocha (Casa do Capitão, Museu de Salto - C. M. Montalegre), "Continuidade e mudança nas festas do Mártir em Barroso".

11.40 - Eduarda Rovisco (CRIA - IUL), "Quando a beleza do morto vira souvenir turístico: práticas defuntas, artesanato, nação e nostalgia em Cabo Verde".

12.00 - Debate

12.20 - Conferência de Fátima Nunes (IHC - NOVA FCSH / CEHFCi - UÉvora), "Património, Saúde e Medicina, ou a arte de dar vida à memória. Trilhos de cultura & ciência".

13.00 - Debate

13.20 - Almoço

Painel 4 - Memória e ditaduras

Moderação de Júlia Leitão de Barros (ESCS - IPL)

14.30 - Vanessa de Almeida (IHC - NOVA FCSH), "Perdoem a falta de escolha, Os dias eram assim".

14.50 - Jorge Moreno Andrés (UNED - *Universidad Nacional de Educación a Distancia*), "Fotografía y duelo: La transmisión del trauma en el uso de la fotografía familiar".

15.10 - Cristina Nogueira (IHC - NOVA FCSH), "Ser-se outro legalizado: práticas da falsificação de documentos na Clandestinidade comunista".

15.30 - Rafael Cáceres Fera (Universidad Pablo de Olavide de Sevilla), "Memoria, Dictadura y Represión de la Homosexualidad Española".

15.50 - Pausa / Café

16.10 - Meize Lucas (Universidade Federal do Ceará), "Imagens sob suspeita: a censura e suas negociações no Brasil em tempos de ditadura (1964-1985)".

16.30 - Rui M. Pereira (IHC - NOVA FCSH), "Colonialismo, Póscolonialismo e Colonialidade. Lugares de Memória".

16.50 - Debate

17.10 - Conferência de Fernando Rosas (IHC - NOVA FCSH), "História e Usos Políticos da Memória".

17.50 - Debate

18.10 - Encerramento

12 de Maio (Torre B, Auditório 2)

Painel 5 - A cultura e a força material das ideias

Moderação de Paulo Mendes (UTAD e CRIA)

10.00 - Luís Trindade (IHC - NOVA FCSH / *Birkbeck, University of London*), "Ó tempo, volta p'ra trás. A memória da música popular".

10.20 - Frederico de Castro Neves (Universidade Federal do Ceará), "Camponeses e Comunistas no Ceará: a Conferência dos Flagelados (1953)".

10.40 - Kênia Sousa Rios (Universidade Federal do Ceará), "As terras do Sem Fim: migração, viagem e utopia".

11.00 - Pausa / Café

11.20 - Maria Miguel Cardoso (Museu do Trabalho Michel Giacometti - C. M. de Setúbal), "9 anos. Comecei a trabalhar na fábrica aos 9 anos (Tia Ana, 2008, Setúbal). Da memória à construção de narrativas presentes: a experiência do Centro de Memórias do Museu do Trabalho Michel Giacometti".

11.40 - Iñigo Sánchez (INET-md - NOVA FCSH), "O material e o intangível: culturas expressivas e processos de requalificação urbana".

12.00 - Debate

12.20 - Conferência de Adelaide Gonçalves (Universidade Federal do Ceará), "A gente cultiva a terra e ela cultiva a gente - Memória, Cultura e Resistência no MST".

12.50 - Debate

13.10 - Almoço

Painel 6 - Outros tempos não-de-vir: o lugar do futuro na pesquisa em ciências sociais

Moderação de Victor Pereira (*Université de Pau*)

14.30 - Paula Godinho (IHC - NOVA FCSH), "Falta por aqui uma grande razão (ou várias razões pequenas?): o chicote da história, o todo e as partes nas práticas sociais".

14.50 - João Carlos Louçã (IHC - NOVA FCSH), "O futuro é muito tempo: dados para uma pesquisa em curso".

15.10 - João Baía (ICS - ULisboa / IHC - NOVA FCSH), "A.M./A.M. para memória futura - dois homens que lutaram contra a ditadura dos dois lados da fronteira".

15.30 - Pausa / Café

15.50 - Maria-Benedita Basto (*Faculté des Lettres de Sorbonne Université / CRIMIC / IHC - NOVA FCSH*), "O passado colonial como arquivo sensível: retorno, memórias íntimas e uchronia".

16.10 - Ema Pires (IHC - NOVA FCSH / CEHFCI - UÉvora), "Sobre cidadanias afectivas e (multi)usos do passado: notas para uma etnografia do amanhã".

16.30 - Debate

16.30 - Rui M. Pereira (IHC - NOVA FCSH), "Colonialismo, Póscolonialismo e Colonialidade. Lugares de Memória".

16.50 - Conferência de encerramento: Fernando Oliveira Baptista (Instituto Superior de Agronomia - ULisboa), "Projectos camponeses, gente que sobra".

17.30 - Debate

17.50 - Encerramento

RESUMOS

Painel 1 - Fontes que falam: teoria e métodos, entre a memória e a história oral

Luísa Tiago de Oliveira (CIES - IUL), “A esperança do futuro reside no passado?”

A vaga de estudos sobre a memória, a preocupação memorial e a patrimonialização são frequentemente ligadas com o presentismo e a ausência de perspectivas sobre o futuro, marcada pela interrogação sobre o sentido das práticas quotidianas, incluindo as de protesto. Através do estudo de casos da conjuntura revolucionária portuguesa, pretende-se analisar, precisa e paradoxalmente(?), a esperança como referente das palavras ouvidas na investigação bem como as atitudes face ao passado (da nostalgia ao activismo).

Elsa Peralta (CEC - FLUL), “Ouvir vidas, fazer histórias: entre a intimidade do testemunho e a (auto)crítica memorial”

Como resultado da descolonização, estima-se que entre 500.000 e 800.000 portugueses tenham abandonado a sua residência nas colónias africanas. Na sua maior parte rumam a Portugal, embora outros destinos se tenham perfilado, como a África do Sul ou o Brasil. Em Portugal, foram nomeados retornados, um termo que muitas vezes adquiriu uma conotação pejorativa usado para identificar uma população em grande parte branca subitamente deslocada pelo colapso do sistema colonial português. Mais de 40 anos passaram sobre o exílio africano. Não obstante, o retorno continua a ser um campo memorial carregado de tensões, vergonha e ressentimentos, que até muito recentemente permaneceu ocluído nas lembranças íntimas daqueles que viveram essa história de guerra, perda e deslocamento. Com base num projeto de pesquisa interdisciplinar sobre o tema do retorno africano, esta comunicação tem por objetivo apresentar uma reflexão (auto)crítica sobre dois aspetos relacionados. Em primeiro lugar, discute os desafios metodológicos e os limites da intersubjectividade associados à recolha testemunhal de um passado voluntariamente coibido. Depois, analisa a transição do testemunho à memória, para reflectir sobre o carácter problemático da memorialização pública de um passado ilegítimo. Questões teóricas relacionadas com memórias de passados violentos e com as linhas desfocadas que se estabelecem entre perpetradores e vítimas serão também discutidas. Toda a discussão será apresentada tendo como pano de fundo uma (auto)crítica ao duplo papel do investigador enquanto agente do testemunho e produtor de memória.

Pablo Alonso (IPNA - CSIC), “Cuando las piedras refutan las palabras: la máquina patrimonial entre Cuba y Maragatería”

En la convergencia entre estudios de cultura material, arqueología e historia, y estudios del patrimonio cultural, encontramos un ámbito teórico-metodológico que nos permite desentrañar, de forma dialéctica, relaciones entre historia oral, fuentes escritas, y cultura material. Esta presentación pretende mostrar dos momentos específicos en los que las relaciones entre historia oral y cultura material se entranan, contradicen y explican mutuamente. Para ello, se presentan dos casos distintos geográfica y políticamente: la transición de las políticas de la memoria en Cuba entre los años 80 y 2000 tras la caída del régimen soviético, y las relaciones entre poder, memoria y cultura material en Val de San Lorenzo en España.

Joana Craveiro (IHC - NOVA FCSH / ESAD.CR / Teatro do Vestido), “Silêncios persistentes - fontes que não falam, fontes que falam mas não se ouve, fontes que contam outra história”

Esta comunicação performativa abordará a ideia de silêncio e dos seus diferentes níveis e matizes quando trabalhamos com e partir fontes orais, numa relação que Alessandro Portelli designa como uma co-criação entre aquele que é entrevistado e aquele que entrevista. O que fica por dizer por entre o muito que se diz? Que negociações têm lugar nos primeiros minutos da entrevista e que outras negociações se vão firmando no decurso da mesma? Que conversas são essas que nunca chegam a ter lugar e que têm por isso, um lugar próprio no decurso das nossas investigações, entendendo-se o campo da memória como um território de possibilidades (e de impossibilidades, também), de desejos, de construções e promessas (muitas delas não propriamente cumpridas)? Que vozes são essas que não há meio de amplificar? E que fazer com as histórias todas que nos contam mas que não eram as que íamos ali ouvir, as histórias que saem do guião?. Partindo da análise de diversas

histórias de vida que fui recolhendo como parte da investigação contínua que constitui o projecto performativo Um Museu Vivo, esta comunicação irá perguntar mais do que responder.

Miguel Cardina (CES – Universidade de Coimbra), “Contra-memórias da Guerra Colonial”

Apesar de relativamente circunscrito, o tema da deserção à guerra colonial (1961-1974) parece ter vindo recentemente a configurar um campo contra-memorial, marcado por testemunhos e representações do passado que disputam uma memória dominante sobre a guerra. Nesta, ainda que se acentue frequentemente a dimensão “trágica” ou “inútil” do acontecimento, sobressai uma leitura da ida à guerra como um dever patriótico ou um fantasma inescapável, e da figura do ex-combatente como alguém que fora vítima, ora dos “ventos da História”, ora de uma guerra que fora obrigado a combater. Se os discursos de desertores e refratários são, ainda assim, limitados no seu número e confinados maioritariamente a gestos feitos a partir de Portugal e/ou por soldados oriundos da então metrópole, eles sugerem uma via de problematização das questões políticas e morais que a guerra encerrou, desafiando um certo padrão narrativo dominante. Esta intervenção ancora-se em algumas entrevistas e fontes desencadeadoras de contra-memórias capazes de se constituir, não apenas como campos memoriais minoritários e “fracos”, mas narrativas desafiadoras do próprio modo como as memórias dominantes se foram tornando dominantes.

Pablo Pozzi (Universidad de Buenos Aires), “Memoria, cultura, y lucha social: los cánticos en las movilizaciones argentinas”

La Argentina tiene una larga tradición de consignas políticas y futboleras. De hecho, la mayoría de los analistas consideran que la relación entre una y otra es estrecha. Las consignas conforman cánticos coreados por cientos y miles de voces en las movilizaciones políticas o en los estadios de fútbol. Esta conferencia se centra en las consignas políticas. En estas consignas se pueden trazar propuestas programáticas, una identificación de enemigos y aliados, amenazas a los contrarios, y en particular elementos que apuntan a definir una identidad propia. Asimismo, las consignas están diseñadas para ser cantadas y apelan principalmente a los sentimientos. Como tal constituyen una fuente de transmisión cultural de memorias que cohesionan las diversas identidades políticas. Al mismo tiempo, es a partir de estas consignas, se puede rastrear la conformación de subjetividades colectivas. Esta conferencia propone trazar, a través del estudio de una serie de cánticos y consignas políticas, la pervivencia de una subjetividad política izquierdista durante parte del siglo XX argentino. Asimismo, busca vincular estas con figuras específicas que aparecen en distintos testimonios de militantes políticos. Así, el impacto del cántico se puede registrar cuando el testimoniante busca de explicar con mayor profundidad un concepto repitiendo alguna consigna aprendida en movilizaciones.

Painel 2 - Entre a experiência e a expectativa: história oral e o passado do futuro

Mariana Rei (IHC – NOVA FCSH / CRH - EHESS), “(E)migrar para ‘melhorar a vida’ num contexto industrializado do Vale do Ave. Algumas pistas para reflexão”

Estudar o património industrial e o movimento operário num contexto onde o processo de industrialização não seguiu o modelo clássico de industrialização, marcado entre outros pela pluriatividade e pelas migrações, implica, desde logo, questionar, mais do que a falta de consciência de classe, frequentemente associada ao conservadorismo político neste contexto, o que é que faz com que as pessoas se mobilizem. Ou seja, de que forma é que os trabalhadores-migrantes se organizam neste contexto para ter uma vida melhor, atendendo particularmente à recorrência das migrações e da pluriatividade nas suas histórias de vida e de família? A fábrica e o espaço doméstico revelam-se, aqui, como dispositivos importantes e indissociáveis na compreensão desta problemática. Por um lado, a casa do emigrante, construída de raiz e como um espaço novo, surge como sinal exterior de ascensão social, e do ultrapassar da dureza associada ao trabalho, que o espaço da fábrica representa; por outro o espaço doméstico mistura-se, neste contexto, com o local de trabalho, o que contribui para uma certa invisibilização da esfera do trabalho tanto nos relatos de vida dos trabalhadores-migrantes como nos discursos oficiais. Esta reflexão constitui o ponto de partida para a presente comunicação, tendo em vista um olhar inicial sobre a primeira fase do trabalho de campo para a pesquisa de doutoramento em curso, que se centrou no lugar de Campelos, pertencente à freguesia de S. João de Ponte – no concelho de Guimarães –, e em duas freguesias limítrofes – Sande Vila Nova e Taipas.

Adelina Domingues (CRIA – NOVA FCSH / Ecomuseu Municipal do Seixal), “Experiências, práticas e discursos num contexto de pesca”

Partindo da etnografia em curso junto de pessoas de proximidade e interação com o meio - pescadores, “apanhadores” de ameijoas e de isco - no Seixal, apresentam-se algumas reflexões sobre a agencialidade, ou seja, a ação de grupos em contextos locais, interrogando a sua provável conexão com outros níveis ou escalas, que visam contribuir para um entendimento sobre as inter-relações seres humanos e o ambiente. Analisando a realidade presente e de um passado recente através das memórias sobre percursos de vida, sobre o trabalho no meio marítimo e fluvial, sobre práticas, percepções e perspetivas de indivíduos, famílias e grupos de pescadores, observam-se continuidades, rupturas e retornos à pesca. Estas oscilações afiguram-se decorrer de distintas conjunturas sociais e económicas, locais e globais. As experiências relatadas e os discursos dos que agem sobre o meio, evidenciam que o recurso a esta atividade constitui uma estratégia de sobrevivência, e também uma opção de vida, presentes ao longo das suas vidas de trabalho precário e particularmente em momentos de “crise”.

Eurípedes Funes (Universidade Federal do Ceará), “Mocambeiros do Trombetas: Direitos à Terra e Liberdade”

Falar acerca de comunidades quilombolas no tempo presente é remeter a uma história marcada por conflitos, resistências para além da escravidão. É falar da história do campesinato negro no Brasil. Navegar nas reminiscências vivas, nas experiências sociais, de afrodescendentes que constituíram seus territórios, onde ser livre era possível. As comunidades de fugitivos da escravidão produziram histórias complexas de ocupação agrária, criação de territórios, cultura material e imaterial próprias, baseadas no parentesco e no manejo coletivo da terra. Um exemplo dessa historicidade são os Mocambeiros do rio Trombetas. Hoje manter o direito de propriedade da terra, do espaço vivido, tornou-se a representação do direito de ser livre. Para essas comunidades o círculo lutas não se fecha. É sobre os novos enfrentamentos colocados a estas sociedades que abordaremos em nossa fala, principalmente sobre os impactos socioambientais em decorrências dos grandes projetos que ali se instalaram a partir da década de 1970: criação de áreas de preservações ambientais, implantação um conglomerado minerador, extração da bauxita, e a projeção de construção da barragem de cachoeira Porteira. Uma lógica do desenvolvimento capitalista, onde o ser humano se tornou removível e até descartável. Momentos em que se afirma a identidade negra, quilombola, afro-amazônica, frente ao outro; tensões que nos levam a perceber a existência de dois paradigmas territoriais em disputa.

Ana Karine Martins Garcia (Universidade Federal do Ceará), “Memória, Saúde e Pobreza: Narrativas do sanitarista e farmacêutico Rodolfo Teófilo em fins do século XIX e começo do XX, no Ceará”

Rodolfo Teófilo destacou-se em diferentes áreas do conhecimento e deixou um legado de documentos históricos, possibilitando aos distintos pesquisadores observar as mais variadas ações que perpassaram a trajetória da saúde e da pobreza no Brasil, especialmente nos fins do século XIX e começo do XX. O objetivo dessa pesquisa não é elaborar uma biografia dessa emblemática figura, mas sim identificar nas várias narrativas e memórias de suas obras e também de fontes que tratavam sobre ele, como Teófilo pensava as questões em torno da pobreza e a relacionava como um fator contribuinte para as doenças que atingiam a população cearense. Apesar de sua formação acadêmica ter sido de farmacêutico, isso não o impediu de adentrar em outras áreas do conhecimento. Tal fator destaca-se em seu ofício de escritor, memorialista, literato, sanitarista e demais espaços de circulação das letras pelos quais fossem possíveis evidenciar e diagnosticar as problemáticas que afligiam os cearenses, sobretudo, durante as secas. Entre as várias obras publicadas pelo autor, vamos analisar nesse trabalho: “História da Seca do Ceará-1877-1880” (1884), “A Fome” (1890), “Violação” (novela-1899), “Varíola e Vacinação no Ceará” (1905) e a “Seca de 1915” (1922) e além desses títulos outras fontes, como os Relatórios de Presidente de Estado do Ceará e jornais da época. Isso permitirá desvelar como os diversos discursos sobre a pobreza e sua relação com a saúde das cidades foram pensadas e construídas no Brasil.

María García (UNED - Universidad Nacional de Educación a Distancia), “Santidades de izquierdas, santidades de derechas: la lucha por la beatificación de los mártires en la España del siglo XXI”

La conversión de los religiosos y laicos cercanos a la Iglesia, asesinados por la represión republicana durante la guerra civil española, en nuevas figuras de los panteones divinos está produciendo numerosas transformaciones en la micro y macropolítica de la memoria de los vencedores. Sin embargo, otros religiosos y laicos católicos también fueron asesinados

durante la guerra, pero en este caso por los falangistas. Para ellos, por el momento el camino a la santidad está vedado porque no se cumple una de las normas que la Iglesia impone para santificar el martirio: que el fiel haya sido asesinado por causa de su fe. Se presupone por tanto que, en este caso, asesinos y asesinados compartían el mismo credo. El presente comunicación analiza las acciones de santificación popular que se están oponiendo a los intereses de las jerarquías eclesiásticas, en muchos casos más interesadas en perpetuar una memoria del conflicto español asimilándola a una Cruzada contra los infieles que en reconocer la enorme variabilidad de las memorias de los católicos en la guerra.

Berenice Abreu de Castro Neves (Universidade Estadual do Ceará), “Mestre Jerônimo e a luta dos jangadeiros do Ceará por direitos sociais”

“Jerônimo só pensava nele mesmo”. Essa afirmação, feita pelo presidente da Colônia Z-8, de Fortaleza-Ce, em 2014, desconhece a ação desse mestre de jangadas em prol da categoria. Essa pesquisa tem como objeto a luta empreendida por esse mestre de jangadas nos anos de 1940 e 1950 no sentido de obter melhorias para a categoria do que hoje chamamos de pescador artesanal. Jerônimo participou de três viagens de jangadas, ao Rio de Janeiro (1941), Porto Alegre (1950) e Buenos Aires (1958), tendo liderado politicamente as duas últimas, assumindo o lugar ocupado, anteriormente, pelo companheiro Jacaré. Essas viagens combinavam uma dupla estratégia política: de reverência às autoridades civis e de denúncia das condições de trabalho e da miséria em que viviam os pescadores. Por ter se insurgido contra a Colônia de Pesca, entidade que, segundo sua leitura na época, não representava a categoria, fundou um sindicato, sendo acusado por isso de ser comunista e ameaçado de não poder mais pescar, tendo em vista que contrariava o código de pesca vigente. As fontes utilizadas na pesquisa são impressas (Jornais e revistas das décadas de 1940 e 1950) e cinejornais (brasileiro e informativo), além de fontes orais. Constatamos até o momento que esse pescador, ao longo de sua luta, foi assumindo uma consciência de classe acerca da situação vivida por sua categoria e apostou na via legal para a obtenção de melhorias de vida e trabalho para o pescador artesanal.

Fabienne Wateau (CNRS - Université Paris Nanterre), “O retorno dos Commons: recorrer ao passado para pensar o futuro?”

Desde o artigo polémico de Thomas Hardin, em 1968, ao reconhecimento pelo prémio Nobel de Economia dado a Elinor Ostrom, em 2009, o tema dos *Commons* revigorou-se ainda mais nas ciências sociais nestes últimos anos, abrindo à análise de modos “alternativos” para pensar as sociedades, às leituras políticas (Dardot & Laval, 2014), e a novos terrenos rurais e urbanos, onde as regras colectivas estão discutidas. Situando primeiro este novo retorno, gostava de lembrar uns casos de comunitarismo agro-pastoril da Península ibérica, reenviando em particular nas regras e constrangimentos do viver em conjuntos.

Painel 3 - Quando a memória vira património: entre a beleza do morto e os novos caminhos

Maria Alice Samara (IHC – NOVA FCSH), “A política na pedra”

A cidade é um objeto de análise complexo que permite várias leituras. Nesta comunicação, Lisboa – ou a parte escolhida como estudo de caso – é pensada levando em linha de conta a articulação entre o espaço, memória e história. Considerando que a Avenida da Liberdade é uma paisagem cultural, com os seus elementos simbólicos (Alderman, 2009), os monumentos aí localizados permitem uma dupla leitura: como objetos em si e como um complexo relacional. Por um lado, podemos analisá-los como pontos, lendo-os na sua individualidade; por outro, investigando-os como conjunto, em rede, teremos uma leitura relacional, cruzando e confrontando os seus significados bem como estes e a cidade que os envolve e que lhes serve de cenário. Assim, a pedra é pensada no que tem de político, no processo de legitimação e simultaneamente de exclusão, na relação que estabelece entre o passado e as tensões do presente.

Maria Helena Marques (CRIA - ISCTE-IUL), “Quando o passado nos dá sementes para colher futuros”

A agricultura é um dos sectores mais directamente afectados pelo impacto das alterações climáticas. Em muitas regiões do mundo, como em Portugal, os pequenos agricultores desenvolveram ao longo de gerações sistemas agrícolas adaptados às condições locais e baseados na diversificação de espécies e variedades cultivadas que lhes permitem, mesmo perante

condições climáticas difíceis, garantir uma produção contínua com escasso recurso a factores de produção externos. Mais do que preservar as sementes de variedades locais/regionais através do seu cultivo, parece urgente a partilha de saberes entre pequenos agricultores, economicamente mais vulneráveis, que enfrentam problemas climáticos semelhantes.

Dulce Simões (INET-md - NOVA FCSH), “O canto que virou património: da *beleza do morto* aos futuros possíveis”

A “cultura popular”, invocada como uma fórmula mágica cujo efeito seria suficiente para garantir a existência de uma realidade (Revel 1989), surge-nos numa versão autorizada e atualizada de “Património Cultural Imaterial” (Kirshenblatt-Gimblett 1995, Choay 2001, Bortolotto 2011). Nesta comunicação pretendo interrogar a patrimonialização do canto alentejano como reprodução das modalidades de holismo aplicadas a coletivos que ocupam hoje o lugar do “povo”, dos românticos e folcloristas do passado (Leal 2013). Atendendo a que o saber autorizado permanece ligado a um poder que o autoriza, e a processos científicos que o legitimam. Estes processos não são inocentes, quando dependem de organizações políticas conduzidas por agências internacionais que fazem com que o problema da salvaguarda, seja, acima de tudo, um problema de dominação.

João Azenha da Rocha (Casa do Capitão, Museu de Salto – C. M. Montalegre), “Continuidade e mudança nas festas do Mártir em Barroso”

Tendo como referência as festas de São Sebastião em Barroso, tomando como contraponto exemplos de outras festas da mesma devoção, procuramos evidenciar as práticas recorrentes no presente, questionando em simultâneo as transformações ocorridas no ‘tempo longo’. A festa é produzida no seio de diferentes interesses, ritualizados e simbólicos. Os processos de turistificação podem exacerbar as clivagens existentes dentro da comunidade, assemelhando-se às desigualdades produzidas por outras estratégias de ‘desenvolvimento’, alimentadas entre outros pelo poder autárquico. Integrada num ciclo alargado de circulação e excessos alimentares marcado pela matança do porco, a celebração assinala, em certas regiões, o início do período do Carnaval e a nova época do crescimento dos dias. A associação da festa com a mezinha, seja através do carolo, do arroz, ou das papas, faz conhecida uma aldeia, coloca-a num almejado lugar visível do ‘mapa turístico’ actual. Mas o alimento tradicional e icónico, podendo variar ao longo do tempo, mantém a sua qualidade profilática, garantindo assim o cumprimento da promessa de partilha, presente em todos os ‘mitos de origem’. É acerca desse diálogo, por vezes dissonante, quanto a aspectos relevantes do ritual, entre a continuidade e a mudança, que procuramos analisar as festas do dia 20 de janeiro.

Eduarda Rovisco (CRIA - IUL), “Quando a beleza do morto vira souvenir turístico: práticas defuntas, artesanato, nação e nostalgia em Cabo Verde”

Pretende-se debater aspectos relativos à construção e aos usos contemporâneos de souvenirs turísticos artesanais aqui entendidos como “objectos marginais”, resultantes de operações nostálgicas sobre práticas pretéritas. Recorre-se ao exame do papel destes objectos na reprodução e difusão de representações persistentes, forjadas no período colonial, sobre a cabo-verdianidade e à análise de processos de “revitalização” de práticas artesanais, como a tecelagem de Santiago e a olaria da Boa Vista.

Fátima Nunes (IHC - NOVA FCSH / CEHFCi - UÉvora), “Património, Saúde e Medicina, ou a arte de dar vida à memória. Trilhos de cultura & ciência”

No Campo dos Mártires da Pátria que deu memória ao Campo de Sant’Ana coexistem vários patrimónios, várias artes de dar (novas) vidas a espaços de saúde, de medicina. Uma colina que apela ao património edificado, ao património cultural porque muitas e desvairadas gentes ali chega para sentir, para observar, para viver quotidianos profissionais ou deambular em circuitos de descoberta de ciência e cultura, com diálogos com memória coletiva de longa duração. A estátua de Sousa Martins – no jardim local – dirige o olhar para a Faculdade de Ciências Médicas da UNL e logo ao lado o que ainda permanece do Instituto Bacteriológico Camara Pestana. E a placa do nome da rua, na esquina que nos pode conduzir à descida da colina, a pé, ou pelo funicular amarelo da cidade de Lisboa. Voltamos ao topo do outeiro e olhamos o Instituto de Medicina Legal – taxinomia de cientismo oitocentista – para logo nos determos nos edifícios que resistiram a 1755 e que foram transformados em Hospital, porque o de Todos os Santos colapsou com o terramoto de Lisboa. Num olhar de

historiadora de cultura científica podemos adivinhar as várias camadas de memória que estão (aparentemente) mortas neste espaço de socialidades variadas da capital, que já foi do Império... Neste enigmático Campo dos Mártires da Pátria teve lugar o XV Congresso Internacional de Medicina, em 1906. Os Jardins do Ministério de Instrução Pública foram palco de soirées de programas sociais de Congressos e Conferências Internacionais que se realizam em Portugal, em Lisboa. Mas o tempo da década de 30 do século XX está simbolizado no Goethe Institut, bordejando o verde dos relvados e albergando o voo dos pombos locais. Em espólios fotográficos e na imprensa informativa permanecem pedaços de vivência do Bacteriológico – difteria, raiva, malária, além das aulas de bacteriologia para estudantes de Medicina. Espaços com várias camadas de memória temporal, patrimónios abertos às ciências sociais, coleções de artefactos e de ideias de capital simbólico que se entrecruzam em produção de saberes sem fronteiras. Conhecimentos que devem cruzar o fazer ciência com a prática da cidadania, combinar património (s) com vivências culturais e operativas para se entender a espacialização de áreas de ciência e cultura na urbe que todos os dias se transforma, fazendo do velho, o novo, reconstruindo imaginários, recuperando memórias que se podem tornar num caldo de criatividade para futuros de proximidade e de inclusão.

Painel 4 - Memória e ditaduras

Vanessa de Almeida (IHC – NOVA FCSH), “Perdoem a falta de escolha, Os dias eram assim”

A passagem à clandestinidade ocorreu numa situação de excepção da vigência de um regime ditatorial. Tendo como ponto de partida o "mergulho", propomo-nos a uma reflexão sobre de que modo é que a essa experiência é transmitida no seio da organização partidária por um lado e no seio familiar, por outro, tentando compreender os mecanismos de transmissão da memória e o que é apreendido pelas gerações seguintes já que, e tal como refere Michael Pollak, «É perfeitamente possível que, por meio da socialização política, ou da socialização histórica, ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar de uma memória quase herdada».

Jorge Moreno Andrés (UNED - Universidad Nacional de Educación a Distancia), “Fotografía y duelo: La transmisión del trauma en el uso de la fotografía familiar”

¿Cómo se mueven las fotografías familiares dentro del espacio doméstico? ¿Qué ocurre cuando esas imágenes pertenecen a las víctimas del franquismo? Las fotografías de represaliados políticos de la guerra civil española y la posguerra, tuvieron y tienen una vida diferente a las de personas y familias cuyas vidas no sufrieron este drama. Esta ponencia analiza los usos y los desplazamientos intergeneracionales que sufren esas imágenes, y cómo su vida social está objetivando las formas de transmitir la memoria en un contexto traumático. Para discernir estas pragmáticas analizo la fotografía en tres tiempos: el movimiento cronológico y topográfico de la imagen, la materialidad del objeto y los relatos familiares vinculados a las instantáneas. Las imágenes estudiadas se encuentran en continuo movimiento, dibujando a veces recorridos inesperados, acudiendo allí donde es necesario estrechar un vínculo. Un vínculo establecido siempre por personas ausentes, y que son sin embargo la explicación de la condición bajo la que viven los miembros de estas casas.

Cristina Nogueira (IHC – NOVA FCSH), "Ser-se outro legalizado: práticas da falsificação de documentos na Clandestinidade comunista"

Para se tornarem clandestinos os comunistas tinham de transformar a sua identidade. Outravam-se! Tornavam-se outros, camuflando o seu ser...o seu nome, as suas origens, os seus hábitos, a sua aparência. A partir de determinada altura (década de 50 do século passado), quando o “aparelho clandestino” estava já suficientemente solidificado, esta mutação teria de adquirir contornos de legalidade. Era-se outro legalizado! Com as oficinas de falsificação de documentos, criavam-se passaportes, bilhetes de identidade, licenças de bicicletas e outros documentos que atestavam que de facto se era quem se dizia ser. Com estes documentos a vida clandestina tornava-se mais fácil... facilitava o arrendamento de casa, a saída do país, o internamento num hospital... Esta comunicação pretende dar conta deste processo de falsificação de documentos sem deixar de debater de que forma estas diferentes formas de identificação, assim como a vida clandestina que camuflou, escondeu e anulou traços da identidade individual interferiu na formação da identidade de cada um e contribuiu para a criação de uma identidade coletiva forte.

Rafael Cáceres Feria (Universidad Pablo de Olavide de Sevilla), "Memoria, Dictadura y Represión de la Homosexualidad Española"

En las últimas décadas se está experimentando en los países democráticos un creciente proceso de reivindicación de los derechos civiles de las minorías LGTB. Se ha comenzado a dar pasos en la dirección del reconocimiento de estos colectivos a través de una serie de cambios legislativos. Sin embargo, estas transformaciones, aunque importantes, no bastan para acabar con la fuerte homofobia y transfobia que se encuentra arraigada en la sociedad. Durante décadas, especialmente en contextos políticos dictatoriales y con una fuerte influencia religiosa, se ha patologizado y criminalizado a estas minorías, sometiéndolas a la marginación y ejerciendo sobre ellas una fuerte violencia. A pesar de los cambios que se están produciendo, estas formas de violencia se encuentran profundamente arraigadas en la sociedad, por eso, consideramos que un paso importante en la política de reconocimiento de los derechos de ciudadanía pasa por sacar a la luz la represión a la que se han visto y se ven sometidos los colectivos LGTBI, recuperando la memoria histórica de estos grupos.

Meize Lucas (Universidade Federal do Ceará), "Imagens sob suspeita: a censura e suas negociações no Brasil em tempos de ditadura (1964-1985)"

A pesquisa propõe uma reflexão sobre a censura cinematográfica no Brasil no período da ditadura civil-militar (1964-1985) a partir da análise de um conjunto de processos que transcorreram na Divisão de Censura de Diversões Públicas (DCDP), localizada na capital federal, Brasília. O processo consistia, basicamente, de três partes. Documentos do trâmite burocrático de um filme no país, fosse ele nacional ou estrangeiro, tais como pagamento de taxa de importação e dados técnicos da película; pareceres de censura emitidos pelos censores e os pedidos de reconsideração da censura feitos por diretores e produtores; e, por fim, os certificados de exibição no qual constam a faixa etária de classificação de uma produção. Estes tinham a duração de cinco anos e podiam ser de três tipos: o de exibição para o cinema, o de exibição para a televisão e o de exportação, no caso dos filmes nacionais. Tomando como ponto de partida que a censura, em regimes de exceção, é uma ação que visa interditar discursos que apontem tensões sociais, coloquem em questão figuras de autoridade, como o Estado, as forças armadas e a Igreja, foquem distensões políticas, ou abordem as diferentes formas de violência, física e simbólica, investigamos como essa interdição (ou a não interdição) constituiu um campo de negociações entre produtores, diretores e distribuidores, por um lado, e censores, por outro. Sua importância reside no fato de que as representações estão em permanente disputa em qualquer sociedade, mas, em regimes ditatoriais, ocorrem numa correlação de força desigual na qual a censura ocupa um papel central. Tais negociações apontam para formas de resguardo da função autoral, manutenção de uma obra ou mesmo de defesa de interesses comerciais. Analisadas em conjunto, permitem compreender o arco das disputas e seus possíveis entendimentos que dão mostra de mudanças (e de permanências) ao longo desse período.

Rui M. Pereira (IHC – NOVA FCSH), "Colonialismo, Póscolonialismo e Colonialidade. Lugares de Memória"

De forma algo sub-reptícia e com menos impacto mediático que as derivas populistas e totalitárias que nos últimos anos têm assolado os regimes democráticos europeus o retorno do ideário colonialista tem feito o seu caminho de forma persistente. Em França, muito recentemente, o lançamento de um número especial da revista "Valeurs Actuelles", com o título "A verdadeira história das Colónias" e sob a epígrafe "Conquistar, Civilizar, Instruir", lançou um intenso debate sobre a nostalgia colonial, à medida do êxito editorial daquele título, com sucessivas reimpressões esgotadas em banca. Uma edição graficamente cuidada, muito apelativa, exaltando os valores da colonização francesa mas omitindo a discriminação racial, a escravatura, a exploração económica, a pilhagem, o saque, a violência colonial. Com um passado tardo-colonial muito associado e valorado pelo regime ditatorial do Estado Novo, em Portugal a assunção da nostalgia colonial tem adotado cambiantes diversos, alguns acobertando-se sob o diáfano conceito da lusofonia, outros evocando a "épica dos Descobrimentos". Essa colonialidade da memória impõe, por isso mesmo, de forma urgente e assertiva, uma reflexão e um debate sobre a necessidade de uma decolonialidade da memória e do saber que exponha a natureza assimétrica da colonização e o seu carácter agonístico.

Fernando Rosas (IHC – NOVA FCSH), "História e Usos Políticos da Memória"

Está em curso nas nossas sociedades, com tempos e modos diversos mas fundamentos comuns, uma disputa centrada nos conteúdos das representações do passado, sobretudo do passado recente, suscetíveis de fundar ou refundar as legitimidades ideológicas e políticas do presente e do futuro. É um combate pela hegemonia ideológica, pela "conquista das almas", que precedeu, preparou e acompanha a crise paradigmática ocorrida nos dois mundos do pós-guerra.

Dessa derrota histórica do socialismo existente e da concomitante rendição do capitalismo reformistas e social-democrata emergiu insensivelmente, pacificamente, sem resistência social e política capaz de a deter, uma nova ordem conservadora, neoliberal, recorrendo a novas e velhas formas brutais de acumulação do capital.

Painel 5 - A cultura e a força material das ideias

Luís Trindade (IHC - NOVA FCSH / Birkbeck, University of London), "Ó tempo, volta p'ra trás. A memória da música popular"

Na década de 60, quando a música popular, em Portugal, estava a reinventar-se pela voz de cantores como José Afonso ou José Mário Branco, o maior êxito discográfico nacional foi "Ó Tempo volta prá Trás", um fado nostálgico cantado por António Mourão. Nos anos 80, uma das bandas pop com sons mais a par com o ritmo dançável dos tempos, os Heróis do Mar, relançaram o nacionalismo com um culto das "glórias" passadas da história nacional. António Variações, o nome mais facilmente associável à modernidade desse momento, elegeu Amália, o maior símbolo do cânone musical português, como musa. Um dos maiores êxitos da popular banda rock Xutos & Pontapés, "A Minha Casinha", é uma versão acelerada de uma canção salazarista. Entre cantares tradicionais que fazem avançar a história e música moderna com estética retro, os tempos da música popular parecem trocados. Nesta apresentação, procuraremos sistematizar algumas abordagens possíveis a um objecto que, pela sua fluidez e intangibilidade, constitui simultaneamente um desafio teórico e uma oportunidade para a investigação. Pensar os sons como agentes sociais e históricos permite-nos entrar em áreas do imaginário e do inconsciente raramente explorados pela história cultural. O formato canção, em particular, tem sido um objecto de partilha social e memória histórica tão importante quanto ignorado na história contemporânea. Nesse sentido, a música popular pode constituir um bom exemplo do modo como a percepção histórica e a memória, a mudança e o atavismo, são negociados por quem toca e é tocado por uma canção.

Frederico de Castro Neves (Universidade Federal do Ceará), "Camponeses e Comunistas no Ceará: a Conferência dos Flagelados (1953)"

As relações entre as organizações de orientação comunista e o campesinato foram consideradas pela historiografia como marcadas pelo preconceito e pela subordinação. Segundo as concepções clássicas da doutrina, os camponeses não tem como desenvolver uma mentalidade revolucionária e devem estar subordinados às instituições operárias, como os BOC (Bloco Operário Camponês). No entanto, os estudos historiográficos tem demonstrado que a experiência desenvolvida por militantes comunistas, em sua prática cotidiana, permite uma aproximação com as lutas e com as formas de consciência política dos camponeses, ampliando a atuação das instituições influenciadas por comunistas no sentido da construção de práticas políticas novas e originais, contradizendo muitas vezes a orientação da direção partidária, em momentos específicos da luta política e das contradições próprias da vida partidária. No Ceará, essa aproximação foi possível nos anos seguintes à abertura política após a queda do Estado Novo (1945), quando o Partido Comunista foi legalizado e sua militância partiu em busca de legitimação social entre as camadas populares. O jornal O Democrata, como órgão de divulgação e formação da orientação comunista, constituiu-se, assim, em instrumento de veiculação dos interesses e das ações dessa militância e, para o historiador, na principal fonte para o exame dessas práticas. Por meio da análise de suas matérias, podemos perceber o investimento político realizado pelos comunistas na região norte do estado, inclusive por conta de uma tradição já consolidada de lutas no porto de Camocim, que possivelmente se ampliou para outras cidades contíguas. Em Itapagé, as denúncias se multiplicam, tanto no que diz respeito à corrupção entre os políticos e autoridades locais, como também enfatizando as lutas e problemas dos homens do campo. A necessidade de uma reforma agrária, assim como problemas no controle das águas dos açudes locais, predominam entre as matérias do jornal, que, assim, constrói e dá visibilidade a um canal de diálogo entre a militância comunista e os camponeses locais. Nos anos iniciais da década de 1950, com a seca que se manifestou no estado, a presença dos militantes comunistas se intensificou, inclusive no apoio às ações diretas de ocupação da prefeitura local e na negociação com autoridades para obtenção de alimentos e postos de trabalho. Em dezembro de 1953, uma Conferência da Seca e dos Flagelados foi organizada na capital do estado, Fortaleza, com o objetivo de debater e propor mecanismos de amenização ou solução dos problemas enfrentados pelos camponeses em momentos de seca. Possivelmente idealizada e organizada pelos comunistas, a conferência reuniu cerca de 400 delegados escolhidos em assembleias realizadas nos locais de trabalho ou representantes de sindicatos e associações populares. Contudo, a imprensa local desconheceu o evento e sua importância. Somente o jornal O Democrata noticiou o fato. O objetivo dessa comunicação é examinar os significados dessa Conferência no contexto das relações entre comunistas e

camponeses, em momentos específicos de calamidade pública, como as secas. De um lado, é possível investigar os mecanismos políticos de escolha dos representantes entre os “flagelados” e também as propostas surgidas após os debates na conferência. De outro lado, pode-se indagar sobre o lugar dessa conferência no interior do grande programa de realização de uma “Conferência Nacional pela Emancipação”, bandeira encampada pelos jornais comunistas de todo o país, a ser realizada nos meses iniciais de 1954.

Kênia Sousa Rios (Universidade Federal do Ceará), “As terras do Sem Fim: migração, viagem e utopia”

Tenho me dedicado já algum tempo a pensar sobre os sentidos da viagem e do deslocamento. Estudando as narrativas de dezenas de retirantes do sertão do Ceará, e outros suportes da oralidade, acabei descobrindo que o ato de se deslocar tem motivação maior do que a tragédia da seca. Parece aproximar-se de algo que seja da ordem do desejo: de encontrar um novo, a surpresa, o espanto ou quem sabe territórios onde a vida seja experimentada ao sabor do acaso, do enfrentamento do diferente, do medo. Uma das possibilidades que se apresentou a mim para o entendimento dos sentidos da narrativa sobre a migração, foi tentar entender nas falas, a apresentação de variados desenhos de um lugar melhor, com características de maravilhoso e utópico, que figurava nos depoimentos, cordéis e contos como algo que impulsionava o desejo pela viagem. Que se colocava para além de simplesmente sair da miséria. Gosto de pensar como umas das inspirações para esse lugar fantástico, aquele que nas novelas populares é conhecido como TERRAS DO SEM FIM. Como nas terras do sem fim, a finalidade imediata não é a chegada e a realização material, no ato de contar, vale ir descobrindo e desejando sempre um lugar melhor, fazendo-o real pela narrativa, pelo dito que faz existir todas as coisas. Deixando mais claro, tenho tentado entender o lugar da construção de uma utopia, de um lugar ideal a partir das falas dos sertanejos sobre o deslocamento, a migração, a viagem e percebo que algumas formas apresentam uma inconfundível familiaridade com os contos populares que circulam no interior do Nordeste, sobretudo aqueles em que o lugar ideal é experimentado como mistério, como segredo, como fantástico. A pesquisa tenta, portanto, entrecruzar alguns suportes da oralidade presente nas memórias sobre o deslocamento no sertão do Ceará, tais como, narrativa oral, contos e novelas populares e literatura de cordel.

Maria Miguel Cardoso (Museu do Trabalho Michel Giacometti – C. M. Setúbal), “9 anos. Comecei a trabalhar na fábrica aos 9 anos (Tia Ana, 2008, Setúbal). Da memória à construção de narrativas presentes: a experiência do Centro de Memórias do Museu do Trabalho Michel Giacometti”

O Centro de Memórias do Museu do Trabalho Michel Giacometti é um projecto de recolha de memória oral que usa metodologias de terreno, histórias de vida e entrevistas temáticas. O processo de recolha é filmado e tem, em contexto museal, o objectivo último de criação de um acervo oral que contribua para o aumento e democratização do conhecimento sobre as realidades sociais passadas, e contemporâneas, de Setúbal. Intimamente ligadas às colecções de museus municipais, como é o caso do Museu do Trabalho Michel Giacometti e do Arquivo Américo Ribeiro, a recolha e a comunicação destas memórias ajuda-nos a recolocar o foco do património na relação entre o homem e o objecto, aproximando-se das comunidades, valorizando-se mutuamente. Neste caminho relacional, que já vai longo, o museu enquanto instituição sofreu, na renovação do seu projecto museográfico, influência directa das actividades de recolha oral que vem praticando. Como resultado, nas exposições permanentes, guiam-nos também a oralidade, e a subjectividade, inerente às experiências individuais recolhidas no Centro de Memórias; adoptando assim narrativas duplas, expondo o belo e o feio, entre o conhecimento produzido e o vivido.

Iñigo Sánchez (INET-md – NOVA FCSH), “O material e o intangível: culturas expressivas e processos de requalificação urbana”

Esta comunicação explora o impacto do processo de requalificação urbana da Mouraria na cultura material, nos universos sociais e nos espaços praticados da vida quotidiana do bairro. Propõe um olhar crítico sobre os seus pontos cegos; sobre os rastros e os restos que ficaram de fora deste processo de transformação da malha urbana do bairro, mas que resistem a desaparecer; sobre os pontos de sutura e as feridas que supuram nessa linha que separa a memória e o esquecimento. Através de diversos materiais etnográficos obtidos durante um prolongado trabalho de terreno no bairro, esta comunicação visa reflectir de modo mais geral sobre as dinâmicas atuais de transformação urbana dos bairros históricos de Lisboa e o papel da cultura nestes processos.

Adelaide Gonçalves (Universidade Federal do Ceará), "A gente cultiva a terra e ela cultiva a gente" - Memória, Cultura e Resistência no MST"

Ao redor das memórias das Ligas Camponesas, no nordeste do Brasil, no meado do século XX, como lastro da formação do MST, abordamos os sentidos das lutas do passado e das lutas do presente contra a violência extrema do latifúndio, do estado e em defesa da reforma agrária popular. Situando um fato novo na formação e natureza do MST: sua territorialização por meio da luta de ocupação e, gestando o Acampamento e quando cada Assentamento conquistado é uma fração do território dos Sem Terra, caracterizando assim, o MST como um movimento socioterritorial, fruto da reivindicação teimosa do povo camponês, como dito pela Comissão Pastoral da Terra – CPT, examinando a conjuntura dos anos 1980 e observando nas raízes do MST, a cultura sociorreligiosa do Cristianismo da Libertação. Seguindo a elaboração sistemática do MST, principalmente em seus coletivos de Educação, Arte e Cultura, destaco a reflexão sobre a Mística, as Marchas e a Pedagogia da Terra como vivência, como experiência humana densa. A Mística é conteúdo da memória social ativando o compromisso de luta no tempo presente e expressando os valores nos ritos, nos símbolos e nas consignas de convocação e evocação.

Painel 6 - Outros tempos há-de-vir: o lugar do futuro na pesquisa em ciências sociais

Paula Godinho (IHC - NOVA FCSH), "Falta por aqui uma grande razão (ou várias razões pequenas?): o chicote da história, o todo e as partes nas práticas sociais"

O objectivo desta comunicação é reflectir sobre as práticas possíveis em torno do que há-de vir, delineadas a partir de quotidianos e momentos de crise diversos, assente em três etnografias. A história chicoteia o tempo, importando interrogar as práticas possíveis, entre riscos, incertezas, indecisões e sonhos, que são delineadas e postas em acção por seres humanos, porque o futuro não será feito por cyborgs. Imaginado, antecipado, desejado ou temido, com formatos diferenciados, em momentos e contextos distintos, o devir assenta na experiência, que produz a expectativa, abrindo-se ao "ainda não", com lugar à esperança, entre as "grandes razões" e os dias que correm idênticos.

João Carlos Louçã (IHC - NOVA FCSH), "O futuro é muito tempo: dados para uma pesquisa em curso"

Questionando o Iluminismo na sua premissa da existência de uma Razão universal que Eric Wolf abordou em pormenor (1999) ou ainda daquilo que Sahlins chamou de "ilusão ocidental da natureza humana" (2011), a Antropologia pode ter no futuro um campo significativo para pensar o mundo em que vivemos e como as sociedades humanas se reconfiguram em cada momento. Vivemos momentos de reconfigurações intensas, aceleradas, quantas vezes sem sentido aparente. No capitalismo de vocação universal que o neoliberalismo conseguiu impor, a naturalização das ideias que o justificam fazem parte de uma corrente hegemónica que transforma a ideologia neoliberal numa condição da natureza humana, caminho único para os futuros que se podem imaginar. Nessa corrente que de tudo se apropria e que tudo transforma, as culturas de resistência são assim uma condição para pensar práticas contra-hegemónicas, ou simplesmente realidades sociais que escapam ainda à expropriação de bens comuns, à privatização do futuro enquanto espaço de desejo e de imaginação coletiva. Na praxis da utopia concreta de Bloch (1982), pode residir o horizonte da expectativa de que o que está para vir existe já, em pessoas e grupos que fazem das suas vidas um sinal de esperança para os tempos que vivemos. Existirá maior desafio para as ciências sociais?

João Baía (ICS - ULisboa / IHC - NOVA FCSH), "A.M./A.M. para memória futura - dois homens que lutaram contra a ditadura dos dois lados da fronteira"

Artur Augusto das Neves, mais conhecido por Artur Mirandela, tem um bairro com o seu nome e uma pequena estátua na cidade de Bragança. Apesar da existência destes dois lugares de memória não há investigação publicada específica sobre esta personagem que marcou a história da cidade de Bragança, do país e a vida de várias pessoas, constando em curtas referências em blogues e em duas ou três investigações sobre o Capitão Barros Basto, Guerra Civil de Espanha ou campanha eleitoral de 1958. Foi tesoureiro da Delegação do Banco de Portugal, Presidente da Associação de Socorros Mútuos dos Artistas de Bragança e dirigente da comunidade judaica de Bragança. Tinha ligação estreita aos movimentos de oposição ao Estado Novo, participando activamente nas campanhas de Norton de Matos e de Humberto Delgado. Durante

a Guerra Civil de Espanha apoiou a fuga de um refugiado galego. Procurar-se-á apontar algumas hipóteses para Artur Mirandela não estar inscrito na história da cidade de Bragança, da região transmontana, do país e na história internacional, uma vez que foi perseguido pela PVDE e mais tarde pela PIDE, por ter ajudado refugiados da Guerra Civil de Espanha e da Segunda Guerra Mundial a atravessar clandestinamente a fronteira luso-espanhola, nomeadamente este refugiado a atravessar o país rumo a Lisboa para tentar embarcar para a América Latina.

Maria-Benedita Basto (*Faculté des Lettres de Sorbonne Université / CRIMIC / IHC – NOVA FCSH*), “O passado colonial como arquivo sensível: retorno, memórias íntimas e uchronia”

Nesta comunicação tentarei reflectir sobre práticas artísticas contemporâneas que trabalham a partir de arquivos familiares ligados às memórias íntimas da guerra colonial e do « retorno » à metrópole dos que viviam nas colónias, depois da revolução do 25 Abril de 1974. O que aqui estará em questão é a implicação das gerações seguintes num trabalho sobre memórias que sendo apenas indiretamente suas, impregnam o seu presente, numa situação em que o passado do império continua determinante na sociedade portuguesa. São muitas vezes memórias fracas, de circulação subterrânea, indicando a dificuldade contraditória de uma “não inscrição”, por um lado, e uma não descolonização que continua a afetar a subjectivação dos descendentes no espaço público, por outro. Nesse contexto as artes são uma das modalidades que permitem pôr em comum uma tal subjectivação, criando ligações entre memórias íntimas e a história do país. Partindo do trabalho de quatro jovens artistas, Manuel Maia, Daniel Barroca, Joana Craveiro e Raquel Schefer, tentarei então mostrar a constituição de um “arquivo sensível”. Entendo por este conceito práticas de deslocamento de uma ordem anterior através da constituição, neste caso, de intervalos nas narrativas memoriais que os álbuns fotográficos, os objectos-lembranças, ou sequências fílmicas vistas no seio da família organizam. São processos de montagem-remontagem e/ou de retournement de elementos antigos, implicando a junção circunstancial warburgiana de elementos heterogêneos. O arquivo sensível dá abrigo a uma verdade emocional: uma relação emotiva estabelecida entre um tempo que passa e um outro que não passa, entre o que foi, a maneira como poderia ter sido e as possibilidades abertas pelas suas múltiplas reconstituições. O arco entre memória e futuro é assim próprio a estas propostas estéticas. Nesse sentido, recorrerei também na sua análise ao conceito de “uchronia” (Portelli) para falar da decomposição-recomposição do passado (A. Farge) que cria várias narrativas possíveis, vários futuros possíveis, impedindo uma patrimonialização ou monumentalização do passado, desfazendo a musealização propondo uma descolonização dos saberes que é ao mesmo tempo a necessária descolonização dos usos da memória.

Ema Pires (IHC - NOVA FCSH / CEHFCI - UÉvora), “Sobre cidadanias afectivas e (multi)usos do passado: notas para uma etnografia do amanhã”

Esta proposta de comunicação discute relações entre processos de objectificação do passado, construções identitárias e modos de viver presente e imaginar o futuro. Metodologicamente, a análise decorre de etnografia continuada em dois contextos empíricos concretos: (1) em primeiro lugar, discutimos relações entre experiências e expectativas de um grupo crioulo residente na Malásia Peninsular que traça as suas origens numa genealogia de vários séculos que remontam a uma ancestralidade portuguesa; (2) em segundo lugar exploramos as experiências de um grupo de estudantes da Universidade de Évora, os quais, na condição de estudantes de uma disciplina de etnografia, realizaram entrevistas a membros da sua família (avós e/ou bisavós) sobre as experiências pretéritas destes enquanto trabalhadores rurais. Partindo destes dois locus analíticos, discutiremos como, entre experiências quotidianas e expectativas, se tecem ideias imaginárias de futuro.

Fernando Oliveira Baptista (Instituto Superior de Agronomia - ULisboa), "Projectos camponeses, gente que sobra"

A questão camponesa emergiu associada à relação entre as características das estruturas agrárias e o processo de industrialização. Para os defensores deste, a agricultura teria de modificar-se para favorecer o desenvolvimento de fábricas e manufacturas. Deveria ir libertando mão-de-obra para as unidades fabris, assegurar, a preço adequado, o abastecimento alimentar e de matérias primas e converter-se num mercado para o escoamento dos produtos industriais. A via para alcançar estes objetivos seria impulsionar a modernização tecnológica da agricultura, o que permitiria também um grande incremento da produtividade do trabalho. Esta mudança, em particular a motomecanização, impunha, para ser economicamente viável, escalas de produção que, em geral, não seriam compatíveis com a pequena dimensão das unidades camponesas. Tratava-se, afinal, do lugar dos camponeses na transição para sociedades industrializadas. Nos países mais desenvolvidos, os camponeses tornaram-se agricultores modernizados ou saíram dos campos. Nos países do Sul, não

tiveram a possibilidade de se reconverterem ou de sair de forma massiva. Ficaram nas aldeias, com uma população em constante aumento e sempre numa posição subordinada e frágil. Nas últimas décadas, com as economias envolvidas na mundialização, acentuou-se a diferença entre estes dois mundos e agravou-se a situação e a falta de oportunidades dos camponeses do Sul. São agora, na sua maioria, uma população que sobra da economia globalizada. Nestes percursos, os camponeses revoltaram-se, resistiram ativa e passivamente, avançaram com reivindicações sindicais, mas nunca estiveram em situação de hegemonizar o funcionamento da sociedade e de governar o Estado. Persistem, de qualquer modo, tentativas de defender projetos que tornem os camponeses sujeito do seu próprio destino. Destas, vão analisar-se três iniciativas, recentes e destacadas.

Organização:

Instituto de História Contemporânea (IHC – NOVA FCSH)

Instituto de Etnomusicologia – Centro de Estudos em Música e Dança (INET-md – NOVA FCSH)

Comissão organizadora:

Paula Godinho (IHC – NOVA FCSH)

Dulce Simões (INET-md – NOVA FCSH)

Maria Alice Samara (IHC – NOVA FCSH)

Parcerias:

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade NOVA de Lisboa

FCT - Fundação para a Ciência e a Tecnologia

GI Identidades, Culturas, Vulnerabilidades do ICS – Universidade de Lisboa

Museu de Salto - Câmara Municipal de Montalegre

Museu do Trabalho Michel Giacometti - Câmara Municipal de Setúbal

Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Ceará

RIARM - Red(e) Ibero-Americana Resistencia e/y Memoria

Teatro do Vestido

Livraria Letra Livre